

TUDO O INDIVÍDUO TEM DIREITO À LIBERDADE DE OPINIÃO E DE EXPRESSÃO, O QUE IMPLICA O DIREITO DE NÃO SER INQUIETADO POR SUAS OPINIÕES E O DE BUSCAR, RECEBER E ESPALHAR, SEM CONSIDERAÇÕES DE FRONTEIRAS, AS INFORMAÇÕES E AS IDEIAS POR QUAISQUER MEIOS DE EXPRESSÃO.

Art.º 19.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem

HOSPITAL, PARA ONDE VAIS?

Por AMADEU MORAIS

A posição que a «Defesa de Espinho» tomou no seu último número a propósito do Hospital parece ter conseguido acordar a consciência de muitos espinhenses para a defesa de um dos seus mais legítimos e atendíveis interesses, em grave risco de ser afectado.

«Defesa de Espinho» está com os princípios que determinaram a Revolução. E é por ser assim que ambiciona ver o Povo colher dela as vantagens implícita e ansiosamente esperadas, sem sofrer as consequências dos erros, das precipitações, dos arbitrios, das demolições, dos golpes e contra-golpes.

O Hospital de Espinho foi criado pelo Povo de Espinho, tendo sido mínimo o contributo do Estado e das entidades oficiais que aqui vinham existir em cada cortejo de oferendas. Tão mínimo, que se mostrou sempre ridículo.

Cientes disto, os responsáveis pela sua abertura tiveram o cuidado e a coragem de colocar no átrio de entrada uma placa que constitui um protesto e um testemunho para os vindouros.

Construído para servir o Povo, surgiu como um sonho que não mais parou na sua ânsia de servir com seriedade e eficiência, de se aperfeiçoar e de progredir dia a dia nesse propósito.

E Espinho passou há muitos anos a ter um Hospital onde acorriam as populações do concelho e das freguesias limítrofes, cobrindo uma vasta zona que ultrapassa de longe os marcos concelhios, Espinho passou a ter um Hospital muito superior ao de vastíssimas áreas do País, aos de grandes centros, um Hospital onde há muitos anos existem serviços de urgência, de assistência permanente, e onde há muitos anos se presta todo o tipo de assistência médica e cirúrgica.

O golpe que ignorou Espinho, quando da elevação de outros Hospitais a Distritais, com igual ou inferior categoria e movimento, envergonhou quem o fez. Os protestos surgiram imediatamente e logo acudiu a promessa de ser reparada com urgência a injustiça cometida. Em promessa ficou!

Sabemos — todos os portugueses o esperam — que os serviços de Saúde e Hospitalares precisam de ser planificados o mais depressa possível, para acudir à situação caótica em que vivem.

Mas, até que a estruturação se faça com seriedade e ideias assentes, ninguém de consciência limpa, isenta de falsos progressismos e verdadeiros oportunismos, deve dar um passo, um só passo sequer, que possa lesar os anseios legítimos do Povo de Espinho e de todas as freguesias que o Hospital serve.

Se assim procedermos, daremos tempo a que os responsáveis pela planificação da Saúde e dos Hospitais em Portugal conheçam o Hospital de Espinho, a sua história, o seu movimento e a dimensão exacta dos seus serviços.

E se alguém vier falar-nos em conjecturas baseadas na actual divisão administrativa, responderemos que a Revolução se não fez para manter estruturas arcaicas, há muito ultrapassadas pelas realidades, mas para servir o Povo, e que nós, Povo que somos, esperamos todos que a Revolução nos traga a descentralização Administrativa, a divisão do País em termos racionais, a autonomia administrativa de cada região. E, quando isso acontecer, o Povo aproximar-se-á cada vez mais dos centros que o servem com maiores comodidade, utilidade e eficácia.

(Continua na 2.ª pág.)

A POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA EM ESPINHO

ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA ORDEM E TRANQUILIDADE DE TODOS OS CIDADÃOS

«Defesa de Espinho» cada vez mais interessada em ser órgão actuante e de diálogo aberto com todos os Espinhenses de boa vontade, procura estar a par de quanto possa ser do seu interesse, e dos seus leitores em especial, levando até junto dos mesmos a análise dos seus problemas e mais legítimos anseios.

Neste sentido, contactou o Comandante da Polícia de Segurança Pública da nossa cidade, o 1.º Comissário Sr. José Lopes Coimbra, o qual, posto ao corrente da nossa intenção, amavelmente aceitou a receber-nos no seu gabinete de trabalho, para uma troca de impressões sobre alguns aspectos que, embora dizendo respeito àquela polícia, são, ao fim e ao cabo, problemas de todos nós, de todos os Espinhenses. E a primeira pergunta saiu.

Sr. Comandante, qual é a missão específica da Polícia de Segurança Pública em Espinho?

— A missão específica da P.S.P. em Espinho é, necessariamente, a mesma que em qualquer outra parte do País. Não temos propriamente uma missão específica em Espinho,

mas antes, uma função geral ao serviço da cidade de Espinho.

Como o próprio nome indica, a Polícia de Segurança Pública, é uma organização ao serviço do público. Tem como missão, assegurar a ordem e tranquilidade públicas, prevenir e reprimir a criminalidade.

Cada terra tem as suas características próprias e, como tal, Espinho não é excepção. A P.S.P. tem que

Entrevista de JORGE TAVARES

inserir-se bem no meio em que actua, é seu dever, tem obrigação disso, e adaptar o seu modo de agir às circunstâncias próprias desse mesmo meio. Daí que possamos concluir que, embora subordinada aos princípios da sua missão, a P.S.P. procura sempre agir de acordo com os condicionalismos locais, defendendo e protegendo os cidadãos, os seus haveres e bens públicos, etc.

— Dispõe neste momento a P.S.P. para o desempenho cabal da sua

missão, dos meios humanos e materiais considerados indispensáveis?

— A sua pergunta é muito pertinente e eu gostaria de lhe poder dizer que sim, que a P.S.P. em Espinho dispõe dos meios humanos e mate-

riais para bem cumprir a sua missão, mas a verdade é que não.

Desde o número de agentes à reduzida quantidade de viaturas, pas-

(Continua na 3.ª pág.)

DE defesa de ESPINHO

DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 21-5-76 — SEMANÁRIO — N.º 2302 — ANO 45

NOVOS ASSINANTES

«DEFESA DE ESPINHO» iniciou uma vasta campanha de novos Assinantes passando a enviar exemplares do Jornal a residentes do concelho que não o recebiam.

O novo Leitor receberá, assim, gratuitamente, três exemplares seguidos, e não os devolvendo, de imediato, passará a ser considerado assinante.

Esperamos, deste modo, que os novos Leitores passem a considerar «DE» o seu Jornal.

Semanalmente, mencionaremos a relação dos novos assinantes obtidos nesta campanha.

ESCREVER É LUTAR!... ou antes, COMUNICAR?

Por MANEL

Alguma razão de peso nos inspira este apontamento — que estava para ser outro, mas foi desviado...

Foi a aproximação do Dia Mundial das Comunicações Sociais (30/5); foi a prova do possível eco que os escritos despretenciosos na imprensa dita pequena e regionalista pode encontrar nos seus leitores.

Da que não trataremos hoje um caso concreto, mas partiremos, com certeza, do concreto para reflexões de ordem mais genérica.

1. Foi para nós um estímulo apreciado uma carta dirigida à D. E., dirigida cá ao Manel, a propósito do artigo sobre o Bairro Piscatório, que foi apenas um preâmbulo que terá, julgamos, a devida continuação. Vinha de Lusitano Gil (desculpe-nos... mas como não pediu segredo...), que nos seus 67 anos tem conhecido de perto o povo vareiro e faz justiça às suas virtudes de gratidão e bom-trato.

2. Também sabemos que por obra desse escrito, o Bairro tem tido visitas de pessoas que tinham outra ideia daquilo... e ficaram boquiabertas; e só viram o exterior, limpo, colorido; que diriam se vissem o interior da maior parte (felizmente) das casas, que é um mimo de asseio e bom-gosto...

Mas qualquer dia tentaremos explicar aos mais incréus que o Povo vareiro é extremamente brioso em limpeza e «limpezas» (supomos que entendem: «limpezas» são roupas esmeradas...).

(Continua na 2.ª pág.)

HOSPITAL DE ESPINHO

Reportagem - Entrevista de JOÃO QUINTA

Provocou justificado alvoroço em Espinho o artigo de fundo do último número da «DE» sobre o nosso Hospital. Começaram a surgir especulações gratuitas e os ânimos mais exaltados pretendiam tomar já posições talvez menos coerentes, pois o alarme do articulado pretendia que as entidades responsáveis se pronunciassem e é isso que se está já a processar. No entanto, e para que se faça luz sobre determinados aspectos do processo que presentemente se desenrola no Hospital, «DE» foi ouvir várias pessoas que estão intimamente ligadas ao processo, e que portanto se teriam de pronunciar com realismo e objectividade. Desta colectânea de opiniões esperamos poderem os leitores tirar conclusões e ajuizar da posição actual do sistema da Saúde no nosso concelho dentro das leis em vigor.

Começamos por ouvir o Dr. Miranda Valente, delegado de Saúde concelhio, que nos afirmou:

— O Hospital de Espinho tem, por força do Decreto 618/75 (e posterior despacho da S. E. da Saúde, de

16 de Dezembro do mesmo ano), de promover a nomeação da sua Comissão Instaladora. Essa C. I. será constituída pelo Delegado de Saúde, que preside, e por vários elementos eleitos dos subsectores técnicos, administrativos, pessoal auxiliar, um utente da população e, mais recentemente...

(Continua na 2.ª pág.)

Neste Número:

ENCONTRO — SUPLEMENTO LITERÁRIO Págs. 5 e 6

HOSPITAL PARA ONDE VAIS? (Última hora) Pág. 9



HOSPITAL DE ESPINHO

(Continuação da 1.ª pág.)

temente, também por um policlinico residente na área.

Em face disto, e como na altura própria não se procedeu à nomeação imediata da C. I., esperando com isso conseguir que o Hospital passasse a Distrital, o pessoal trabalhador do Hospital resolveu fazer uma Assembleia Geral de trabalhadores onde ficou decidido, por maioria esmagadora, tratar-se da nomeação da C. I., tendo em vista não se ficar privado de subsídios de auxílio estatais cuja falta rejudicaria os trabalhadores e o funcionamento do Hospital.

A informação que tenho do Director de Saúde do Distrito de Aveiro é que o facto do Hospital ser concelhio não vai prejudicar, de modo nenhum, a possível passagem a DISTRITAL. O que é preciso é promover imediatamente a nomeação da C. I. para garantir os financiamentos do Estado.

Por isso, a nomeação da Comissão Voluntária para me ajudar a resolver a nomeação da Comissão Instaladora.

Ouvimos ainda a Comissão voluntária para a nomeação da Comissão Instaladora e que é constituída pelas Sras. D. Maria de Lurdes de Sá, D. Dorinda Costa, D. Manuela Marques e Ascensão Leite.

Começou por nos dizer D. Maria de Lurdes:

— Depois de ter lido na «DE» o artigo do Hospital fomos falar ao Director de Saúde a Aveiro que se mostrou muito admirado por termos feito a reunião para a nomeação da C. I., pois isso não era necessário em virtude de estar decretada a sua concretização. A falta deste imperativo o mais que pode acarretar é o Hospital deixar de o ser.

Além do mais já tinha dito ao Delegado mais que uma vez, e ele próprio cá veio pessoalmente, fazer

Esta C. I. irá dirigir, não só o Hospital, mas também o Centro de Saúde e o Dispensário da A. N. T., portanto as infra-estruturas de Saúde do concelho com excepção do Posto Clínico da Previdência que também está previsto englobar no projecto da Saúde. Vai-se portanto nomear, o mais depressa possível, a C. I. para atender aos imperativos reais da saúde em Espinho, e garantir ao mesmo tempo a sobrevivência do pessoal trabalhador e o funcionamento do Hospital.

Ouvimos de seguida o Sr. Alberto Alves, chefe da Secretaria do Hospital:

— O assunto do Hospital é o reflexo da legislação em vigor que veio criar uma situação em que estão em jogo vários interesses, mas que será solucionado desde que haja uma clarificação da referida legislação e um bocado de bom senso. Agora com precipitações a sua resolução será mais difícil. E ninguém inventou nada. Há um documento, há um Decreto-Lei que manda que se cumpra e é isso que vale.

ver a necessidade da criação da C. I. do Hospital sem que tal colida com a Misericórdia. E isto também é conveniente que fique bem assente.

D. Dorinda Costa:

— Eu quero lamentar que o Sr. Director da Defesa tivesse feito tal notícia sem se ter inteirado do que se estava a passar e tal atitude poderia ter provocado problemas gravíssimos por parte da população. E a população de Espinho tem o direito de saber muitas coisas que se passam neste Hospital, de muita gravidade e que as ignoram. Mas o que

devem saber é que se não houver subsídios esta casa não funciona. E para que esses subsídios venham é necessário a criação da C. I.

E acrescentou Manuela Marques:

— O que foi dito está certo e quero acrescentar que aqui nada foi feito na véspera como foi dito na «Defesa». Tudo foi feito com antecedência e era assunto que só daria respeito aos interesses dos trabalhadores.

Ascensão Leite:

— Além disso as empregadas auxiliares, de que faço parte, estão muito mal pagas e trabalham sem horários o que nos leva a desejar estar integradas no funcionalismo público.

E finalizou D. Dorinda Costa:

Não podemos aceitar que o sr. Director diga que é preciso correr com os vendilhões e não mencione quem são os vendilhões. Porque eles existem de facto. Há problemas muito graves que seria bom que se soubessem. E os vendilhões são os que não querem a C. I.

Mas também é conveniente saber-se que se criou um Secretariado em Aveiro que foi a Lisboa e não foi recebido. E esses, que são Ovar, Oleiros e Sever do Vouga já têm C. I. E Espinho se ficar isolado corre o risco de acabar. E ninguém mais que os próprios trabalhadores querem que o Hospital seja o maior e o melhor de todos.

O enfermeiro António Pereira de Jesus (JUCA) dir-nos-ia:

— Pessoalmente quero começar por dizer que o artigo do Dr. Amadeu Morais pecou por não informar. O assunto é tão complexo e o artigo carece tanto da falta de conhecimento dos factos que até poderia ter incitado a violências, o que, felizmente não aconteceu. Nem nós próprios podemos tirar quaisquer conclusões em face do estado em que se encontra, presentemente, o problema da saúde. Claro que o Hospital de Espinho presentemente já é um Hospital concelhio, que desempenha as funções latas que todos conhecemos mercê de ter mais de 30 médicos residentes e que dão a sua colaboração depois de exercerem as suas actividades nos Hospitais Centrais do Porto e ainda porque criou condições para isso ao longo da sua existência.

No respeitante à eleição duma C. I. acho que pela força do Decreto que existe e ainda pelas pressões que surgem ela deverá ser uma realidade. Entretanto terá que se aguardar, positivamente, qual vai ser o caminho a seguir, pois só com directrizes efectivas se conhecerá a essência do plano director da Saúde.

De qualquer modo o assunto é profundamente complexo, repito, e não há solução fácil para ele. Mas também é uma realidade que o assunto não pode estar eternamente como está a funcionar apoiado no funcionalismo. Existe uma apatia directiva há cerca de dois anos que é fruto da incerteza em que se vive e os trabalhadores sentem a insegurança que esta apatia provoca. E embora tenha havido muitas tentativas para chegar ao diálogo com o Ministro, isso ainda não se verificou porque sua Excelência parece não estar interessado nele.

Estas são as opiniões das pessoas responsáveis que mais de perto conhecem o problema do Hospital de Espinho. Esperemos pelo desfecho deste caso, que desejamos seja o que melhor sirva a população de Espinho e seus arredores, para ver onde está a solução.

«DE» espera apresentar, no próximo número, uma mesa redonda com os médicos trabalhadores do Hospital de Espinho.

Leia e assinie a "Defesa"

ESCREVER É LUTAR!... ou antes, COMUNICAR?

(Continuação da 1.ª pág.)

3. Daí—isto é—de termos conseguido COMUNICAR algo que fosse lido e interessado aos leitores, tiramos uma primeira, e para nós importante, ilação: que vale a pena um Manel qualquer gostar (muito) da imprensa regionalista que, por ser uma arma temível, até quiseram calar-lhe a voz, tantas as dificuldades criadas por essa insónia (des)governamental chamada «jesuino-gonçalvista»...

E pode ser mais uma mini-achega para o pomposo título T. V.: «Escrever é lutar», que a par de produções razoáveis tem abortado lástimas muito coitadinhas (é que já não podemos mais com essa de só ser «bom» neste reino de mediocridades que esteve muitos aninhos na «pilra»...; até faríamos trocadilho: então, estar preso é bom! senão, é-se bom por estar preso? Adiante).

Por isso, preferimos esta alternativa: ESCREVER É COMUNICAR. Ir ao encontro das pessoas, despertar nelas ideias, iniciativas, gosto de viver.

Quem escreve gosta de ser lido, de encontrar eco e resposta, que não são obrigatoriamente de concordância; quem escreve tem o direito, e obrigação até, de levantar problemas, de alertar as pessoas, de denunciar mais as situações erradas do que as pessoas nelas envolvidas, quantas das vezes sem a culpa toda...

Quem escreve, entra de cara descoberta no tribunal da opinião pública; e torna-se alavanca dessa opinião...

4. O Dia Mundial das Comunicações Sociais deve ser um S.O.S. lançado não só aos grandes meios de comunicação (dantes virados para o capital e hoje para outros interesses subjectivos e ideológicos, com o público pagante quase sempre de fora), mas igualmente às modestas publicações regionalistas, que são diametralmente diferentes daqueles.

Diferentes no género de jornalismo, nos meios em que se apoiam, no público leitor, na influência que exercem.

Esta D. E. repescada dum passado remoto e próximo deveras problemático, está agora numa fase que pensamos ser bastante positiva, pois está a «estudar-se» a si própria, e o «tubo de ensaio» são precisamente os seus leitores e os espinhenses d'acidade-concelho, a quem, em última análise tem o jornal de pertencer.

Entramos nesta D.E. há bem pouco, mas julgamos ter formado já um parecer.

D.E. não quer mais ser um homem ou uma ideia; mas sim uma equipa aberta, sem patrão manipulador nem censura interna— não quer *personalismo*; que cansariam os leitores, nem auto-promoções; e vê-se que procura ser sensata nas críticas, porque já é por demais sabido que as «polémicas de lavadouro» embora agradem a uns quantos espíritos doentios são a rampa para o abismo de um jornal.

E há um campo tão vasto para a COMUNICAÇÃO, quando a nível local vamos ganhando o hábito e o gosto de comunicar!...

5. A que propósito todo este desfiar de considerandos, sobre temas aparentemente de somenos valor?

Pensamos interpretar a nossa preocupação pessoal e da equipa, lançando esta jogada de antecipação ao Dia Mundial das Comunicações; é que D.E. estando como está interessada em ver crescer, muito, o número dos seus assinantes e leitores, não o está menos em saber como o público encara o jornal nesta fase de reestruturação.

Para isso, apelamos para que escrevam, digam, apareçam; não receiem apontar falhas e carências; e corrigir, quando as informações não forem de todo precisas e completas; nós não queremos defender com unhas e dentes a nossa verdade; queremos procurar, apontar e encontrar a VERDADE.

D.E. tem já secção própria: «Cada qual com a sua opinião», que bem pode ser uma varanda pluralista neste curioso ambiente espinhense.

Aliás, verificamos que o número de colaboradores habituais não é grande demais; necessita ser alargado, para o jornal manter interesse e diversidade de estilos e pontos de vista.

E... será mesmo verdade que brevemente vai aparecer em Espinho um novo jornal? Se for verdade, vai daqui desde já o nosso BENVINDO!

MANEL

HOSPITAL, PARA ONDE VAIS?

(Continuação da 1.ª pág.)

Não somos egoistas. Sentimos que temos o dever de defender o que de mais válido existe cá por casa, contra todos e contra tudo.

E se pensarmos que há pessoas a quem o problema não interessa especialmente, porque podem fazer-se internar, pagando bem, em qualquer Casa de Saúde ou clínica particular especializada do País ou do estrangeiro, logo se vê quais os interesses que defendemos.

E já agora, para finalizar, tendo em conta um programa da Televisão que vimos, ousamos perguntar: a Televisão, paga e bem paga pelo Povo Português, foi à Feira da Amadora fotografar de surpresa o Senhor Otelo a comprar cebolas. Podia fotografá-lo em outro sítio ou noutras condições, mas fotografou-o ali mesmo. Não arranjará a equipa da Televisão, tão preocupada com os magnos problemas nacionais que representam as preocupações do Sr. Otelo Saraiva de Carvalho, vir até aqui auscultar a opinião do Povo de Espinho sobre o seu Hospital?

AMADEU MORAIS



defesa de
ESPINHO

SEMANÁRIO
(AVENÇADO)

FUNDADOR:
BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

* MÚSICA DE BAILE *

Pelos Conjuntos:

- TOP GROUP SHOW
- SURPRISE

Orquestra de SHEGUNDO GALARZA

* V A R I E D A D E S *

- Miss Leslie Show — «Ballet» Inglês
- Conde de Aguiar — Ilusionista Português
- Alice Maria — Cançonetista Portuguesa

* RESTAURANTE - BOITE *

Jantares Concerto — Esmerado Serviço seguido de Baile e Variedades

— SLOT - MACHINES —

* C I N E - T E A T R O *

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

* S A L Ã O D E F E S T A S *

AOS DOMINGOS

MATINÉS DANÇANTES às 16 horas

com os Conjuntos privativos do Casino

A POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA EM ESPINHO

ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA ORDEM E TRANQUILIDADE DE TODOS OS CIDADÃOS

(Continuação da 1.ª pág.)

sando também pela exiguidade e improvisação das próprias instalações policiais, tudo tem de merecer nota de insuficiente.

Presentemente, o efectivo em homens é oficialmente o mesmo do tempo em que a Secção foi criada, em 1953. Quer dizer, exceptuando o quadro de chefias, que engloba um Comandante, um Chefe e três Sub-Chefes, o efectivo é de trinta guardas.

— Mas então, qual seria o número desejável de elementos?

— Bem, eu tenho até já propostas concretas nesse sentido, em que os números vão para mais do dobro, e acho que não é muito. Contudo, eu quero acrescentar que, presentemente, estes efectivos estão excedidos, mercê de uma visão correcta das coisas, por parte do Comando Distrital, e das necessidades da cidade de Espinho, excedente esse que ultrapassa já a dezena de homens.

É claro que não podemos contar com todos esses homens para o serviço de rua. Temos de ter em atenção que há os serviços burocráticos, os serviços de secretaria, serviços de justiça, transmissões, material, pessoal doente, etc. Tudo isto, funciona cá dentro, o que retira, como calcula, maiores possibilidades no serviço de exterior.

— Quer dizer, o pouco contingente de guardas reflecte-se no serviço de rua, não é assim?

— Certamente, sem dúvida alguma. A cidade de Espinho é grande e bem precisa de mais homens.

— E quanto aos meios materiais?

— Também são insuficientes. Necessitávamos de mais algumas viaturas, pois as que possuímos já estão a ficar gastas. Aliás, aguardamos a todo o momento a entrega de mais uma, pelo menos, o que já vem resolver, em parte, o problema.

— E as instalações? Este edifício parece não oferecer condições. Será assim?

— Concretamente. Embora pareça que não, este pormenor passa despercebido. As instalações onde o público é atendido, são as melhores. Mas, para além dessas, há as dependências de que o pessoal necessita e que estão numa situação precária e em péssimas condições.

Se vier a verificar-se um aumento de efectivos, como aliás esperamos, pois isso tem de acontecer, então não sei como resolver o problema. É claro que isto é um assunto da competência da Câmara Municipal, a qual, nessa altura, terá de pensar seriamente nas instalações policiais, porque estas já não comportam muito mais.

Já agora, gostaria de fazer uma sugestão. Está-se a construir uma Casa de Justiça e seria óptimo que a Câmara incluísse nesse edifício uma esquadra de polícia, com instalações adequadas, como vai acontecendo em casos semelhantes.

— Já abordaram a Câmara nesse sentido, isto é, no tocante à remodelação destas instalações?

— Sim. Já falamos com o presidente da Comissão Administrativa, que mostrou até a melhor das boas vontades em que o assunto fosse resolvido e, esperamos a todo o momento que a repartição técnica da Câmara dê andamento ao assunto.

— Como é vista pela população de Espinho a P.S.P.? É bem aceite como garante da ordem, ou têm dificuldades?

— Evidentemente que a própria missão da Polícia, só por si, é recheada de dificuldades. Repare que a Polícia entra sempre nas ocorrências numa posição de desvantagem. Só quando as coisas estão más, quando os ânimos estão exaltados é que a polícia é chamada. Nem sempre é bem compreendida a sua intervenção, às vezes, até nem convém.

No entanto, pode afirmar-se que, propriamente no caso de Espinho, não temos razões de queixa. Podemos mesmo dizer que é bem aceite. A grande maioria da população recebe muito bem a polícia e até a deseja. Temos casos, até, de pessoas que recorrem à polícia, para tratar de assuntos que não são propriamente do seu âmbito, pedindo conselhos, fazendo consultas, etc.

Só não a aceita, como é evidente, o marginal. Esse não deseja de modo nenhum a polícia.

— No serviço nocturno, a vigilância está bem assegurada e é capaz?

— Sem entrar propriamente no pormenor, por motivos óbvios, posso assegurar-lhe que o serviço nocturno está bem garantido.

— Mas as pessoas dizem que de noite ninguém vê a polícia!

— Não é verdade. Nós temos bastante preocupação com este serviço. Ele merece-nos muito cuidado. Dentro do possível, metemos até, por vezes, pessoal à paisana, condicionados, contudo, às nossas limitações.

— Sr. Comandante, a onda de criminalidade, roubos, assaltos, que não sendo um fenómeno só de Espinho, é muito mais vasto, aflige toda a gente. Como vê este assunto?

— Bem, em relação a Espinho, isso preocupa bastante a polícia. Infeizivelmente, isso não acontece somente entre nós, como acabou de referir, mas a verdade é que a criminalidade está a aumentar cada vez mais.

As razões de fundo deste problema, são muito complexas e, entre outras coisas, eu sei lá, pois há pessoas que não compreendem bem o que é liberdade, julgam que é tudo, até roubar.

Estamos muito atentos neste campo e tudo faremos para prevenir os roubos, os assaltos e outros crimes.

Estou a lembrar-me que, ultimamente, houve aquele assalto ao «Celeiro», que foi detectado, graças à colaboração de uma Senhora. Quando nós preparávamos para sair para uma operação nocturna, recebemos um telefonema, a dar-nos conta do que estava a acontecer. Imediatamente nos dirigimos ao local, de tal sorte que, conseguimos apanhar dois dos assaltantes e um terceiro no dia seguinte.

Como vê, com a colaboração das pessoas, que também podem ser polícias à sua maneira, os problemas vão-se resolvendo.

— Quanto à existência de marginais. Tem a polícia detectado alguns casos aqui em Espinho?

— Eu julgo que aqui em Espinho não temos marginais, propriamente ditos, identificados. Se os há, creio que são visitas de Espinho, vêm de fora. Todavia, não afirmo que não os possa haver. Evidentemente, nesse campo, o assunto merece-nos cuidado e atenção, pois é nossa preocupação evitar os maus costumes e, se chegam até nós queixas nesse sentido, pois, evidentemente que actuaremos, energeticamente. Mas, repito, não temos conhecimento de nada.

— Acha que a P.S.P. tem algum papel a desempenhar no campo social?

— Acho que sim. Eu lamento só que a falta de meios não nos permita, por vezes, ir mais longe e fazer aquilo que gostaríamos de fazer.

É nossa intenção ir às escolas, transmitir às crianças algumas noções de trânsito, indo até ao encontro de um convite de uma comissão de pais. Espero o mais breve possível que tal venha a verificar-se. É necessário estabelecer com as crianças diálogo franco e amigável, desmistificando, até, uma ideia errada que se faz da polícia, que, quando houve falar dela, pensa logo em castigos, prisões, etc.

Qualquer agente, está na rua orientado, para proteger as pessoas, para as auxiliar. E os casos são bastantes.

Há pessoas que se perdem, demeeates que nada conhecem, e tantos outros, que vêm parar à polícia. E ela que os orienta, às vezes com que dificuldades e sacrifícios e até, quantos problemas surgem, pois as nossas estruturas não estão preparadas para isso.

— E no campo da mendicidade? Nota-se frequentemente a existência de pessoas a mendigar. O que têm feito nesse sentido?

— Realmente já nos apercebemos disso. Quando detectamos casos de mendicidade, pois encaminhamos essas pessoas para o Albergue de Mendicidade Distrital, em Aveiro. Aqui há tempos, soubemos que andavam uns indivíduos a pedir, uma meia dúzia, fazendo-se passar por cegos, aleijados, etc. Pois foram conduzidos ao referido albergue, onde julgamos que ainda se encontram.

— Mas, mesmo assim, e ainda recentemente, assistimos a casos de mendicidade, nos dias de feira e, o mais grave, quanto a nós, é o facto de serem crianças de pouca idade, que nos cafés, se dedicam a esse ofício, chamemos-lhe assim.

— No caso da feira, procuramos evitar esses casos, tanto mais que sabemos não serem essas pessoas de cá. Quanto a esses miúdos de que me fala, vamos procurar saber melhor o que se passa e actuaremos.

— Sr. Comandante, se desejar servir-se das colunas da «Defesa de

Espinho», para abordar algo mais, que não tenhamos aflorado, tem o jornal ao seu dispor.

— Bem, eu só gostaria de dizer que a Polícia de Segurança Pública de Espinho está sempre à disposição da população de Espinho e de todo o povo em geral, para lhe prestar toda a sua colaboração, que esteja dentro das suas possibilidades, e áqueles que a solicitarem.

A Polícia pretende ser mais preventiva que repressiva, e, só a carência de meios nos impede de ser mais úteis a todos os cidadãos.

Muitas pessoas não compreendem a missão da Polícia, as suas dificuldades, que nós lamentamos, e não se lembram que as pessoas que a servem, são seres humanos como quaisquer outros e não compreendem os seus problemas.

O Polícia não tem horas de descanso certas, não tem horário de trabalho fixo, ultrapassa muitas vezes a sua obrigação, dentro de um espírito de sacrifício e sacerdotício que ainda se encontra, e nós têm-lo entre nós, e tudo isto, muitas vezes não é compreendido.

NOTA — No próximo número continuaremos esta entrevista com o 1.º Comissário Sr. José Lopes Coimbra, Comandante da P.S.P. de Espinho, abordando o tema: «TRÁNSITO».

ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉCULO XVII

★

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Telef. 921324

ESPINHO

ALUGA-SE

Armazem, na Rua 22, N.º 1200

ESPINHO

COMPRA-SE

Terreno nos arredores de Espinho com ou sem pinhal.

Resposta a este Jornal.

VENDE-SE

Terreno no ângulo das Ruas 27 e 28 em Espinho.

Ótimo para construção.

Telef. 920897

PASSA-SE

Um ou Dois Armazéns com a área de cerca de 100 m²

Informa José Rodrigues Capela ou filho

Rua 62, N.º 1060

PRECISA-SE

SALA OU ARMAZÉM, COM A ÁREA DE CERCA DE 100 m², PARA GINÁSTICA

TELEF. 923353

PRECISA-SE

Armazém, loja ou garagem, com ou sem residência, em Espinho ou arredores.

Resposta com detalhes e condições ao

Apartado 47 — ESPINHO

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 21 — **Em Carne Viva**, com Christopher Lee e Peter Cushing — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 22 — **Camorra**, com Fabio Teste e Jean Seberg — Para maiores de 18 anos.

Domingo, dia 23 — **Estado de Emergência**, com Sean Connery — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, dia 25 — **A Casa dos Diamantes**, com Candice Bergen e Charles Grodin — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quinta-feira, dia 27 — **Joe Hill**, com Tommy Berggren e Anja Schmidt — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CASINO

Hoje, Sexta-feira, dia 21 — **O Justiceiro da Noite**, com Charles Bronson e William Dedfield — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 22 — **O Justiceiro da Noite**.

Domingo, dia 23 — **O Justiceiro da Noite**.

Segunda-feira, dia 24 — **Assim até dá gosto**, com Frederick Stafford e Silvia Monti — Para maiores de 13 anos.

Quarta-feira, dia 26 — **Sem quaisquer preconceitos**, com Julian Negulesco e Paul Cruchet — Para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 27 — **A Fúria do Dragão**, com Nora Miao e Chuck Norris — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

Sábado — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

Domingo — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

Segunda-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

Terça-feira — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

Quarta-feira — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

Quinta-feira — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

marés

DIA	PREIA-MAR	ALT.	BAIXA-MAR	ALT.
22	23.42	2 ^m .82	16.44	1 ^m .49
23	12.22	2 ^m .77	18.01	1 ^m .44
24	13.12	2 ^m .90	18.58	1 ^m .32
25	13.56	3 ^m .04	19.41	1 ^m .18
26	14.35	3 ^m .17	20.18	1 ^m .05
27	15.13	3 ^m .27	20.53	0 ^m .92
28	15.49	3 ^m .24	21.28	0 ^m .82
29	16.25	3 ^m .37	22.04	0 ^m .77

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Emergência	115	Câmara Municipal de Espinho	920020
Bombeiros V. Espinho	920005	Serviços Municipalizados	920040
Bombeiros V. Espinhenses	920042	P. S. P.	920038
Hospital de Espinho	920327	G. N. R.	920035
Centro de Enfermagem de Espinho	922392	Correios	920335
Praça de Táxis	920010	Abade de Espinho	920621
Posto Médico da Previdência	920664	Auto-Viiação Espinho	920323
Centro de Saúde de Espinho	921167	Estação C.F.	920087

RADAR

REPÓRTER PESTANA

ASSIM VAI A CIDADE

LIXO QUE ESTORVA — LIXO QUE SUJA

Recordamo-nos de ter lido neste jornal, não há muito tempo, já na época das democracias, o reparo de um leitor acerca do processamento da recolha de lixos na via pública, em que era focada a necessidade de se proceder a semelhante trabalho durante a noite.

Claro que ao lermos a notícia, discordamos de súbito com a ideia do nosso leitor, só porque achávamos que o serviço se fosse bem organizado, poderia efectuar-se em sistema diurno com relativa facilidade.

Entretanto, meditando nos prós e nos contras, fomos ver como decorriam os trabalhos na cidade do Porto, por ser a mais visinha, onde o processo é mais evoluído e concluímos que na realidade traria inúmeras vantagens o seu desenvolvimento à noite, pelas razões que vamos citar:

Para a saúde pública, à noite por ser mais fresco, a exposição de lixos não incorre na inalação tão vasta dos cheiros que se notam durante o dia, em que a passagem ininterrupta de peões se verifica em muito maiores proporções e cujo odor terão irremediavelmente que suportar, pois como se sabe, os recipientes são em geral de má qualidade, abertos e normalmente entornados pelos cães ou crianças. Porém à proveniência dos cheiros, como se tudo isto não bastasse, teremos de considerar ainda mais grave quando provocada por uma das viaturas de recolha, que mecanicamente comprime os detritos, expulsando os resíduos líquidos que escorrem para o pavimento, manchando-o, simultaneamente que deixa um odor bastante pernicioso na atmosfera.

O trânsito dos camions dos serviços de limpeza, é logicamente moroso e o facto dá lugar a aborrecimentos por dificultar a marcha natural dos

veículos na vida quotidiana, em que o tempo é dinheiro e não há razão plausível para que criem obstáculos a quem trabalha no ritmo acelerado dos dias presentes.

Por outro lado, a exposição dos lixos durante largas horas, à espera que o venham recolher, é um espectáculo deprimente para os munícipes utentes e para o turista que nos visita, na medida em que a meio da tarde ainda existem recipientes com lixo, o que equivale dizer que há vasilhas expostas há mais de 6 horas. Em contrapartida, se o serviço fosse nocturno, bastava depositarem os recipientes ao pôr do sol, de preferência em sacos de plástico, amarrados, e não em latas ou caixas de madeira, como actualmente se verifica.

É necessário mentalizar os munícipes a meterem os lixos em sacos plásticos, grandes ou pequenos, de harmonia com as quantidades que cada um possua, pois trata-se de um sistema higiénico e barato que praticamente não irá alterar a economia doméstica. O saco deve ser amarrado tanto quanto possível, não sendo necessário gastarem-se elevadas somas em recipientes metálicos que ao cabo de algumas semanas se detioravam.

Vamos, de facto, actualizar sistemas arcaicos na vida normal da nossa nova cidade, para que nos torneemos modelo.

A HISTÓRIA DOS «CAPELA»

Por lapso de composição as legendas das fotografias dos nossos amigos Domingos e António Capela saíram trocadas, o que lamentamos e do que pedimos sincera desculpa.

LUTA DE PESCADORES

No dia 17 do corrente mês em Espinho, as pessoas que foram ver a saída das redes da Companhia de Pesca, viram algo sobre a arriscada vida dos pescadores da nossa praia.

Esses homens que há muitos anos realizam este trabalho, puseram em prática a sua capacidade de «lobos do mar», dizendo não às correntes marítimas que os intimidaram na luta do seu ganha pão diário. Eles ao verem que uma das cordas do arrasto estava presa nas rochas do esporão sul, tentaram os mais diversos processos para não perigarem as suas vidas, mas contudo não o conseguiram; então houve que lançar o barco ao mar com risco enorme, em busca dos processos mais capazes, que duraram duas horas; viram por fim sair as suas redes com o habitual peixe, dando vivas ao êxito alcançado, após um ardoroso dia de trabalho.

Bravos homens estes, que não só para a sua subsistência, mas, também para uma realidade inalienável da atracção turística, que a nossa terra reconhece.

Quem duvida da tenacidade destes homens?

M. C.

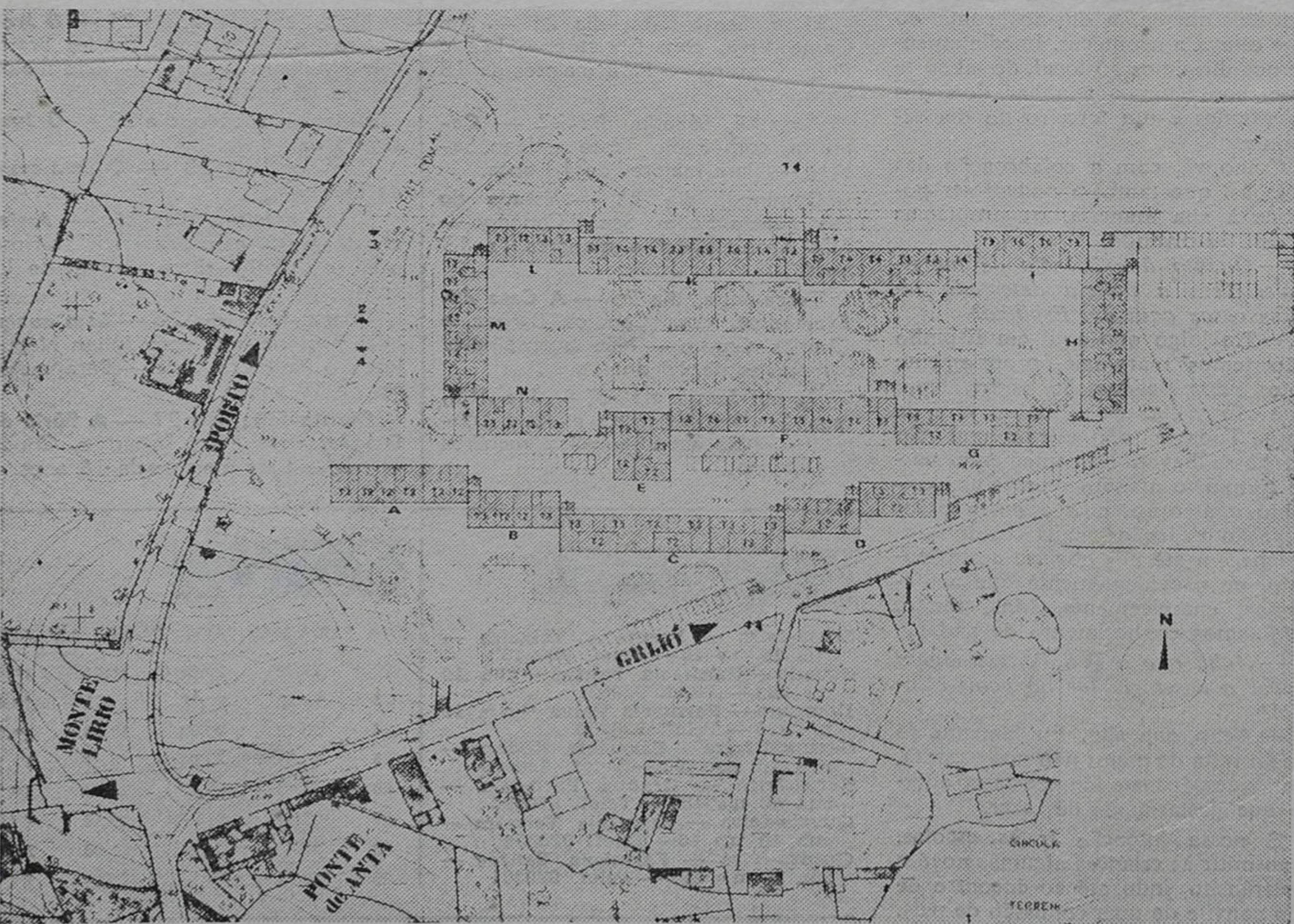
OUTRO ASSALTO

Na noite de 12 para 13 do corrente, a gatunagem (que parece ser a mesma de outros assaltos já efectuados) assaltou o Posto Médico da Previdência, por meio de chave falsa, situado na Rua 31.

Demonstrando, como no assalto à Livrália que registamos no último número «DE», a preocupação de arranjar uns tostões, levaram cerca de dois mil escudos que estavam nas gavetas.

A P.S.P. de Espinho tomou conta da ocorrência.

URBANIZAÇÃO PONTE D'ANTA



Localização do Conjunto Habitacional da Ponte d'Anta a que nos referimos no último número e cuja concretização será a curto prazo. Num total de 228 fogos existem 3 tipos de habitações que, tendo de comum a

cozinha, sala e banho, 75 têm 2 quartos, 103 possuem 3 quartos e 50 4 quartos. Inicia-se assim em Espinho a resolução do problema habitacional que se tem vindo a agudizar ultima-

mente com a proliferação de barracas (e não só) clandestinas. O pior é que a fazenda não chega para a encomenda, e a secção técnica da Câmara já tem novas urbanizações prontas para concretizar.

OBJECTIVO ①

Na realidade, há muita coisa a fazer nesta cidade. Andar-se cá pelo centro e protesta-se. Protesta-se, ao ver que faltam coisas elementares. Indispensáveis, mesmo, e justificáveis. Todavia, se dermos uma volta fora do âmbito habitual, ou seja o perímetro mais ou menos central, passamos! Ai ainda faltam muitas coisas. Ai, existem locais autenticamente próprios de aldeia. De aldeia, dentro duma cidade. E confrange ver. E dá pena. E faz perguntar: queremos uma cidade-balnear-turística ou uma mini-cidade-balnear-turística e continuamos com uma vila grande, com nacos de aldeia?

FALECIMENTOS

ESPINHO

Maria Francisca Zagala, 75 anos, viúva de Jeremias de Pinho Branco Grosso.

Miguel da Costa Leite, 76 anos, viúvo de Maria da Natividade Assis Antunes, pai de Zulmira, Maria Joaquina, António Renato, José e Miguel da Costa Leite.

Belmiro de Oliveira Caleiro, 76 anos, viúvo de Júlia Francisca.

Francisco Pereira Relvas, 92 anos, viúvo de Arminda Francisca do Couto. «DE» apresenta condolências às famílias enlutadas.

CASAMENTOS

Serafim Correia de Oliveira com Flávia Glória Alves Ribeiro.

Carlos Alberto Moreira dos Santos com Maria Irene Martins Vieira.

António de Oliveira Duarte com Maria José Amaral Pinto.

NASCIMENTOS

ESPINHO

Maria de Fátima, filha de Joaquim Rodrigues de Oliveira e Maria de Fátima da Rocha Gonçalves Oliveira.

Pedro Miguel, filho de António Isac de Oliveira Andrade e de Odília Pereira dos Santos Andrade.

Rui Pedro, filho de António da Silva Brito e de Clementina de Jesus Santos Brito.

Sérgio Paulo, filho de Manuel Soares da Cunha Fôlha e de Maria Irene Gomes da Costa Fôlha.

BOLSAS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE

«A Direcção Geral da Educação Permanente informa que durante o ano de 1976 concederá «Bolsas de Investigação de Actividades Locais» e «Bolsas de Organização de Actividades Locais». Estas bolsas com duração de seis meses, não renováveis, são destinadas a pessoas interessadas em animação popular (independentemente das suas habilitações literárias) e que desejem inventariar as actividades de educação e cultura populares da sua região ou criar associações de educação popular em localidades do país onde tais não existam.

Com a concessão destas bolsas pretende-se possibilitar a pessoas já empregadas trabalhos de investigação e organização de

associações locais no âmbito da educação popular.

Para todos os esclarecimentos complementares os interessados deverão escrever para a Direcção Geral da Educação Permanente — Campo Grande, 83-2.ª - Lisboa 5.»

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE ESPINHO DE 10-5-76 A 17-5-76

Internamentos Gerais	48
Exames Radiográficos	189
Crianças Nascidas	25

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Ortopedia	1
Obstetrícia	3
Cirurgia Geral	12
Otorrino	8
Urologia	6

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	272
Mulheres	240

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Amélia Santos Ferreira
Aurora Graça Vasconcelos
Ana Maria Oliveira Milheiro
Maria Alda Ribeiro Gomes Soares Alves

Academia de Música de Espinho

Hoje, Sexta-feira,
21 de Maio de 1976

NA SALA AUDITÓRIO
às 17 horas

Intercâmbio com alunos da

Academia de Música
da Vila da Feira

Classes de:

PIANO, VIOLINO E CANTO

FREQUÊNCIA DO PATRONATO DE ESPINHO DE 10-5-76 A 17-5-76

Infantário (de 1 mês aos 2 anos)	70
Jardim de Infância (dos 3 aos 6 anos)	270
Tempos Livres (dos 7 aos 12 anos)	135
Total de Crianças	475
Sopas	320
Refeições Completas	110

ACTIVIDADES

Desenho, Picotagem, Colagem, Iniciação de escrita.

O PATRONATO DE ESPINHO AGRADECE A VOSSA VISITA.

PRAIA DO SOL — VIAGENS

Rua 16 — Mercado Municipal
Telef. 920688 — ESPINHO

EXCURSÕES PARA JUNHO-76

TUY e VIGO	Feira em Tuy — 10 de Junho
BEIRAS e ALENTEJO	10 a 13 de Junho
LISBOA, SETUBAL e TRÓIA	10 a 13 de Junho
CORUNA e SANTIAGO DE COMPOSTELA	16 a 17 de Junho
MADRID CASTIÇO	16 a 20 de Junho
ALGARVE MARAVILHOSO	16 a 20 de Junho

NOTA — Dia 16 de Junho: Feriado Municipal em Espinho

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

ENCONTRO N.º 1

Maio de 1976

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de: F. AZEVEDO BRANDÃO

APRESENTAÇÃO

Sai hoje o primeiro número de um suplemento de cultura. Não é a primeira vez que «Defesa de Espinho» abre as suas colunas para a divulgação das letras e das artes. O último, que teve por título «Defesa Literária» chegou a publicar meia centena de números ao longo de quase seis anos da sua existência (1962-68).

Continuando, pois, a tradição de dedicar uma página à divulgação cultural, «Defesa de Espinho» enceta hoje a publicação do novo suplemento mensal: ENCONTRO.

Encontro do suplemento com o leitor, do leitor com o livro, do leitor com a arte, com a cultura em todas as suas manifestações. En-

contro com os poetas, escritores e artistas que hão-de vir aqui através dos seus poemas, dos seus trabalhos, dos seus depoimentos. A sua palavra será auscultada através da entrevista, do diálogo, franco e aberto, que há-de nortear sempre a actuação deste suplemento.

Queríamos que «Encontro» fosse um elo de ligação entre a cultura e os nossos leitores e ao mesmo tempo porta-voz atento às necessidades e iniciativas culturais da nossa terra, contando, para isso, com a colaboração de todas as suas agremiações de cultura.

Da nossa parte, tudo faremos, dentro das modestas possibilidades, para que tal desiderato seja uma realidade.

F. AZEVEDO BRANDÃO

OS LIVROS E OS HOMENS (NOTAS DE LEITURA)

«GAVETA DE NUVENS» DE JOSÉ GOMES FERREIRA

Não é o primeiro livro em prosa que Gomes Ferreira publica. Ai estão os seus contos, o seu romance «A Aventura de João Sem Medo», as suas crónicas e memórias em que a sua pena de uma sensibilidade requintada, nos habituara já às pinceladas de um autêntico pintor de cores fortes da realidade quotidiana.

«Gaveta de Nuvens», publicada pela Editora Diabril, são tantos outros pedaços dessa mesma prosa—tarefas e tentativas literárias, lhes chama o autor—em que o apontamento crítico e a análise literária ombreia com a nótula pitoresca e insólita do artista que estuda, no seu modo peculiar tão cheio de humanismo, compreensão e humildade perante a vida e a arte.

Na sua prosa, Gomes Ferreira denuncia o poeta que, na essência, realmente é. A sua pena trai-o sempre que o momento é propício, sobretudo quando é sobre poetas que o seu espírito se debruça.

Aqui estão, neste livro, por exemplo as figuras de Gomes Leal e Garrett, de Guilherme Braga e Camilo, «norteados» com outras perspectivas, caracterizadas pelo fundo humanista que as anima.

Da leitura desta colectânea ficou-nos, por isso, para além do conhecimento, por outro prisma, dos autores estudados, a sensação de termos ficado a conhecer, em maior profundidade, a sensibilidade, a força humanizadora, a inesgotável compreensão pelos outros de José Gomes Ferreira.

É que, mesmo nos livros de prosa há muito daquela poesia intemporal, impregnada de «gritos, protestos, raiva, angústia, lirismo, ironia, amor...» que transforma este artista da palavra no «poeta da eterna juventude que lança o seu grito de viver na esperança de despertar a juventude de todos os tempos».

«PORTUGAL, 50 ANOS DE DITADURA» DE ANTÓNIO DE FIGUEIREDO

Os livros sobre o regime que caiu em 25 de Abril de 1974 começam a aparecer nos escaparates das livrarias. O último que temos presente intitula-se «Portugal, 50 Anos de Ditadura», por António de Figueiredo, que as «Publicações D. Quixote» publicaram na sua colecção «Participar».

É um livro de história, história de um período, ao fim e ao cabo, de um «homem que controlou pessoalmente os destinos de milhões de indivíduos por sucessivas gerações e em diferentes partes do mundo». Assim é que, para além de nos dar uma perspectiva histórica dos últimos cinquenta anos em Portugal, é também pedaços de história de outros povos e de outras nações: Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Goa, etc.

Aqui estão delineados, se bem que em sínteses felizes e oportunas, a economia, a política, a sociedade, a história de todo um povo, durante a primeira metade do século XX. O centro de todos os acontecimentos é sem dúvida a figura de Salazar que se move e aparece sempre dentro dos factos mais relevantes desse período: o nazismo alemão, a grande guerra, a guerra civil de Espanha e o Colonialismo.

Dá-nos este livro uma perspectiva histórica do governo ditatorial do Estado Novo, mas não é menos de salientar a análise breve e concisa do governo de Marcelo Caetano e do pronunciamento militar de 25 de Abril, que, no final das contas são «o colapso dramático do sistema que Salazar tinha feito funcionar neste país».

Livro a ler, sobretudo para aqueles que se interessam pela história, contemporânea do seu país.

F. AZEVEDO BRANDÃO

ERAM CANÇÕES DE AMOR

Quando matei, morri
sepultado nos arcanos
da angústia
da minha memória.

Quando fiz espalhar
a metralha
por aquelas terras de sangue
eram flores de abacate
que eu queria plantar.

Quando fiz cantar
o fogo
das armas impiedosas,
eram canções de amor
que eu queria recitar.

Quando fiz queimar
as palhotas
dos terreiros silenciosos,
eram frutos de mapira
que eu queria semear.

Era fogo, irmão negro, era
a morte, Maconde do M'salu,
era a grilheta da tua liberdade
que eu trazia agarrados
nas minhas mãos sanguessugas!

F. M. B.

PARA QUANDO A CRIAÇÃO DE UM MUSEU HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO EM ESPINHO?

A necessidade da fundação de um Museu Histórico e Etnográfico do Concelho de Espinho, tem sido ventilada, várias vezes, nas páginas deste jornal. Se a memória não nos falha, até poderíamos afirmar que já alguém escreveu aqui da existência de espólios particulares que poderiam constituir o embrião de um futuro Museu. Parece que a «coisa» foi falada, mas nunca mais notícia alguma sobre o assunto foi publicada.

Por isso aqui vimos mais uma vez bater na mesma tecla para que o problema não fique no cesto dos papéis.

Na verdade, há todo um património cultural de manifesto interesse histórico e etnográfico que urge preservar e defender, património esse que deve ser usufruído por todas as gentes desta terra.

Documentos, manuscritos, cartas, jornais, fotografias, material de valor etnográfico, sobretudo ligado às coisas do mar—barcos, utensílios de

pesca, pinturas, desenhos, «maquetes», aparelhos antigos da indústria de conservas esperam a sua relação, selecção, catalogação e estudo para um melhor conhecimento do passado e servir de lição para os caminhos do futuro.

É claro que a maior parte deste material se encontra nas mãos de particulares, mas estamos convencidos, que se os seus utentes virem que as suas colecções são devidamente conservadas e estudadas por pessoas competentes, oferece-las-ão, com certeza, de boa vontade, até porque a maioria dos museus regionais do nosso país se deve à iniciativa individual e à caridade de alguns homens devotados à cultura e ao amor pela região que lhes serviu de berço.

Tal iniciativa impõe-se, e cabe às entidades oficiais estimulá-la e ajudá-la através de infra-estruturas e subsídios, pois tal empreendimento poderá e deverá constituir centro activo de estudo e convívio de estudantes e trabalhadores, instrumento de pesquisa e de investigação para os estudiosos da nossa história e etnografia regionais, ponto de encontro de conferências, palestras, exposições e colóquios sobre problemas da cultura.

A nós cabe-nos o papel de alertar o interesse da opinião pública para lhes despertar o entusiasmo, a boa vontade e a colaboração para tal iniciativa.

Consta que o Ciclo Preparatório irá, em breve, possuir novas instalações e deixará vago o edifício do antigo Colégio de S. Luís.

Não seria possível, criar ali, com algumas obras de beneficiação e adaptação, um imóvel para a instalação do Museu?

É um alvitre, um apelo às autoridades da nossa cidade para que não deixem morrer esta aspiração de todos aqueles que se interessam pelos problemas culturais deste Concelho.

RUI GOMES

REVISTAS DE CULTURA

VÉRTICE:

Saiu há pouco o número duplo correspondente aos meses de Janeiro/Fevereiro desta revista de cultura e arte que se publica em Coimbra, sob a direcção de Joaquim Namorado.

Defensora do racionalismo moderno de base marxista, destaca-se neste número os seguintes trabalhos: «Casos da Expansão Portuguesa», por Luís de Albuquerque; «Universidade e Luta de Classes», por Rodney Arismendi; «Ernesto Montale: Poesia e Resistência Moral», por Manuel Simões; «A Morte de Deus e do Homem», por Roldão Ferreira da Silva. Joaquim Namorado recorda, na sua crónica, cem anos do «Zé Povinho», de Rafael Bordalo Pinheiro.

CRITÉRIO:

Referente ao mês de Fevereiro e correspondente ao seu número 4, chegou-nos esta nova revista mensal de cultura, que tem como director e sub-director, João Palma-Ferreira e Alexandre O'Neill, respectivamente.

Tendo aparecido há quatro meses como « reacção contra o processo sistemático de desinformação, deseducação, infantilização e carneiri-

(Continua na pág. 6)

SILVALDE

ASSIM
VAI A VIDA...

OBRAS PREVISTAS

Em contacto com a Junta de Freguesia, soubemos que está para breve a construção em paralelos da rua que liga a dos Outeiros (há pouco concluída) ao cruzamento conhecido por «do Quelhas».

Sendo uma ligação interior útil, sem dúvida, ficarão ainda a reclamar arranjo conveniente as ruas vizinhas: a que liga a do Quelhas à rua 33 e a que liga «por dentro» a nova rua que vem dos Outeiros ligar também à rua 33 — essa, principalmente, em péssimo estado e com bastante movimento.

O anunciado melhoramento está já entregue a um empreiteiro.

Também para breve se prevê o arranjo das **ruas da Marinha**, que servem um numeroso e muito concentrado aglomerado populacional.

Na realidade, aquela zona não tem beneficiado dos «favores» dos sucessivos poderes públicos.

Bem ou mal comparado com a zona de Gulhe, lá no alto, a sul, de Silvalde.

Talvez por falta de **vozes activas** a fazer pressão... ou as famigeradas influências, que serviam para muitas coisas e interesses...

COMISSÕES DE MORADORES

Não deixa de ser significativo que na época mais afervorada do controlo «poder popular» (não estamos, agora, a emitir juízo sobre ele) somente se tivesse constituído em Silvalde uma Comissão de Moradores, precisamente na Marinha. Oportunamente, D.E. deu-lhe notícia e voz; há algum tempo que não temos da mesma notícias concretas, pelo que desejamos, logo que possível, «fazer o ponto da situação».

Registamos esta nota com um único intuito: fazer sentir que no alvorecer de novos tempos são sempre os

«esquecidos» de antes os primeiros a organizar-se para lutar...

Cá por cima, as pessoas não sentiram, pelos vistos, necessidade de se organizar para conhecer e debater os seus problemas locais, e trabalhar para lhes dar resposta e solução.

Porquê? Velhos hábitos de esperar (=exigir) tudo dos tais poderes públicos? (A quem se mendigava, de quando em vez, o benéficozinho da ordem... com direito a inauguração e tudo... normalmente e por mera coincidência em vésperas de eleições!)

Porquê? Medo, generalizado, de certo «papão» que se dizia andar por detrás dessas coisas? (Mas quem não teme o «papão» só tem uma coisa a fazer: é andar-lhe à frente, ou ultrapassá-lo!)

Porquê? Comodismo, simplesmente, comodismo: ora, vá agora uma «pessoa de bem» (às vezes significa **inútil socialmente**) incomodar-se por causa dos outros... (E vai daí que fica todo o mundo em casa, à espera do **journal de caserna**, e... «oxalá que não se faça nada porque eu já dizia... fulano não deve ter mais que fazer ou então anda a defender os seus interesses... que não me peçam nada, porque para «isso» não dou nada...») («isso»=tudo!); mas depois, logo a seguir, lá estão os assim falantes a beneficiar do trabalho dos outros (parasitas), como é o caso, por exemplo, do Recinto Desportivo, etc., etc.

A nossa opinião, bem clara e aberta, é que **o Povo deve organizar-se**, deve participar activamente na gestão das coisas públicas; deve, o mesmo verdadeiro Povo, **pôr à sua frente os Homens mais válidos** que é a única forma que conhecemos como limpa e forte para evitar o assalto de oportunistas e inválidos a lugares e missões para que não têm nem competência nem confiança do Povo; e isto é demasiado importante para que se deixe ao deus-dará... ou à mercê de

tristes experiências de que todos estamos (desculpem) fartos!

Mas não esteve tudo parado, cá por cima: a seu tempo constituiu-se uma Comissão de Pais que teve acção de mérito, que merecerá referência mais pormenorizada num futuro próximo.

DESPORTO

Com os seguintes resultados, terminou a 7.ª jornada e 1.ª fase do 1.º Torneio de Futebol de salão:

Cruzeiro B — Leões A, 0-3
Tapeç. F. Sá — Silvaldinho A, 0-3
F. C. Silvalde B — Beçouro, 0-5
Esperanças A — Heróis A, 0-0

Ficaram apurados para a fase final os dois primeiros classificados de cada série: na série A: Esperanças A e Heróis C. Vilas A; na série B: Esperanças B e Silvaldinho B; por sorteio disputarão os primeiros lugares da classificação final.

Como curiosidade: os melhores marcadores são dois irmãos, Arlindo e Álvaro Martins, de equipas diferentes mas é que não jogam só os dois! São nada menos de 6 irmãos que estão integrados em diversas equipas... E se qualquer dia eles se lembram de formar uma equipa? Ficaria fortíssima, já que todos eles são dotados de bons recursos futebolísticos...

A defesa menos batida é a do Esperança A, que só sofreu um golo, e foi, pelos vistos, um «frango» do guarda-redes Domingos Pinto... Acontece!

ATLETISMO

Estão a participar nas provas de apuramento, promovidas pela D.G.D., Aveiro, nas várias classes de Atletismo, 23 crianças e jovens de Silvalde, que têm dado boa conta de si.

M.

OBJECTIVO ②

Continuam a existir estabelecimentos, bastantes, onde os preços não são afixados nos artigos. Como se impõe. Como está, segundo parece, determinado. Continuam a existir estabelecimentos onde os preços dos mesmos artigos são, curiosamente, muito mais elevados que noutros. Tudo isto se passa, tudo isto continua. O «Zé» aguenta, quem devia ver não vê. E lá que não visse era o menos. Sim, se, entretanto, actuasse...

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO

As opiniões, alvites, críticas, etc., contidas nesta secção são de inteira responsabilidade de quem as subscreve e não são, necessariamente, coincidentes com as do Jornal.

Na Avenida 2 existe um depósito de pão na maior miséria, com paredes escuras e a cal a cair dum tecto todo rachado e a ameaçar derrocada e com as balanças porcas de lixo.

A culpa desta falta de asseio cabe só à AIPAL — Sociedade de Padarias de Espinho.

Quanto à Avenida 2 não conhece varredor, agravada com negligência do pessoal de recolha de lixo que deitam mais fora que dentro das camionetas. No entanto perdem tempo a escolher nos recipientes do lixo pa-

pel e garrafas vazias que levam para vender a farrapeiras para fazerem mais dinheiro.

N. B. Também quero informar que no Parque João de Deus costumam andar dois miúdos, principalmente aos sábados e domingos à noite, a roubar e objectos dos carros estacionados à volta do parque, sendo os mesmos residentes na zona da Ponte d'Anta. E quem tem a culpa disto são os pais que deixam os filhos pequenos saírem à noite.

JOSÉ PEREIRA BASTOS

SECRETARIA DE ESTADO DO ABASTECIMENTO E PREÇOS
JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

FRUTAS E PRODUTOS HORTÍCOLAS

Cotações no Mercado Abastecedor de Frutas «Sidónio Pais» no Porto
Em 11 de Maio de 1976

PRODUTOS	Preços/Kgs.			Oferta
	Mais frequente	Máximo	Mínimo	
Cereja	15\$00	25\$00	12\$00	R
Laranja	12\$00	22\$00	7\$50	A
Limão	9\$00	10\$00	8\$50	R
Maçã	10\$00	18\$00	5\$00	A
Morango	50\$00	60\$00	48\$00	I
Nê pera	22\$50	30\$00	20\$00	I
Alho	55\$00	60\$00	50\$00	I
Batata-Nova	6\$80	6\$80	6\$80	R
Batata-Velha	6\$80	8\$50	6\$80	I
Cebola	3\$50	4\$00	2\$50	R
Cenoura	8\$00	8\$50	7\$50	R
Couve-coração	3\$00	3\$50	2\$50	R
Couve-flor	8\$00	8\$50	7\$50	I
Couve-repolho	1\$50	1\$80	1\$20	R
Ervilha	8\$00	8\$50	8\$00	I
Fava	3\$50	4\$00	3\$00	I
Feijão-verde	40\$00	45\$00	35\$00	I
Pepino	12\$00	15\$00	10\$00	I
Pimento	38\$00	40\$00	30\$00	I
Tomate	23\$00	27\$50	20\$00	I

A — Abundante; R — Regular; I — Insuficiente.

NOTA: Os preços acima indicados são praticados por grosso neste Mercado Abastecedor. Sobre estes preços pode incidir, na venda ao público, uma margem de comercialização que, com excepção da batata, poderá ser até 30%.

Domingos Couto & Filho, Lda.

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Escritório: Rua 18, N.º 1004 — Telefone, 920528

Armazém: Rua 8, N.º 1019 — Telefone, 922203 ESPINHO

ENCONTRO

(Continuação da pág. 5)

zação do povo português», «Critério» tem vindo a preencher um espaço muito significativo daquela cultura não enfeudada a quaisquer tutelas ideológicas, exercendo o livre espírito crítico.

Do sumário do seu número 4 salientamos: «Da Utopia II», por João Palma-Ferreira; «Ao Encontro de Castilho», por David Mourão-Ferreira; «A Palavra Destruída», por Alvaro Guerra; «Alguns Indicadores da Evolução do Ensino Universitário», por J. J. Fausto da Silva e M. Emília Freire; «Dois Projectos Restantes para o Prémio Aldonzo Ortigão», por Mário Cesariny; «Livro da Cultura», por João Gaspar Simões. Completa este número crítica de livros e de teatro por Helder Godinho e José Valentim Lemos, respectivamente.

SEARA NOVA:

Também esta revista de doutrina e crítica que se publica em Lisboa sob a direcção de José Garibaldi, apareceu com um número duplo no passado mês de Abril.

De tendência marxista, salienta-se neste número um trabalho exaustivo (com mapas e gráficos), sobre as eleições para a Assembleia Constituinte, em 1975. Destacam-se ainda os artigos:

«O Coração de Portugal», por Anibal Almeida; «O Crescimento Demográfico», por Alexandre Ribeiro; «Ser pelo M.F.A. em Almofada», por Mosto Navarro.

NOVA — Magazine de Poesia e Desenho:

Organizada por António Paulouro, António Sena e Herberto Helder, começou a publicar-se esta nova revista de poesia e desenho de autores contemporâneos de língua portuguesa e espanhola.

Partindo da ideia de que a Península Ibérica constitui uma unidade cultural traduzida através do idioma luso-castelhano, os organizadores aparecem com esta magnífica colectânea de poemas e desenhos de autores portugueses, espanhóis, brasileiros, africanos e da América Latina, do nosso tempo.

Introduzida cada uma das produções com uma nota bio-bibliográfica, aparecem-nos ombro a ombro poetas e artistas de Portugal, Espanha, América Latina e África de expressão portuguesa.

OS LIVROS DO MÊS

Título: A Genealogia da Moral
Autor: Nietzsche
Editor: Guimarães & C.ª Editores

Título: Problemas do Marxismo 2
Autor: Jean Paul Sartre
Editor: Publicações Europa-América

Título: Tesouros da Literatura e da História
(4 vol.)
Autor: Gaspar Correia
Editor: Lello & Irmãos

Título: Os Sistemas Eleitorais
Autor: Jean-Marie Cotteret e Claude Emeri
Editor:

Título: Portugal, 50 Anos de Ditadura
Autor: António de Figueiredo
Editor: Publicações D. Quixote

Título: A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo
Autor: A. H. Oliveira Marques
Editor: Publicações D. Quixote

Título: Linguística e Literatura
Autor: R. Barthes e outros
Editor: Edições 70

Toda a correspondência para este Suplemento deve ser dirigida a F. Azevedo Brandão
Rua 31, N.º 206 — ESPINHO

à venda

VENDE-SE

Prédio na Rua 14-967-1.º andar e R/c alugado a comércio

Falar por favor ao Senhor Luís Silva, na Fábrica Progresso ou telef. 922150

ANDARES VENDEM-SE

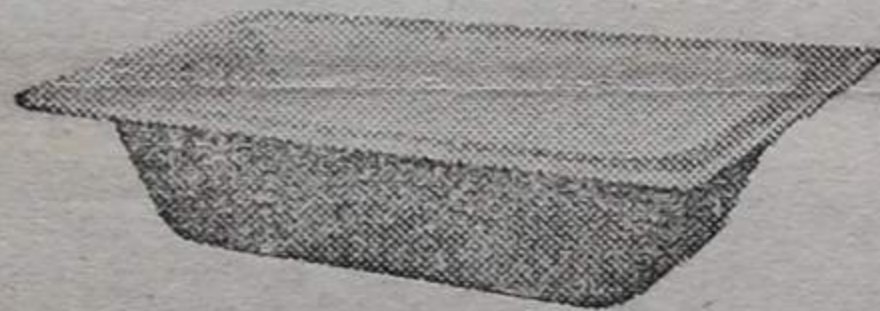
PRONTOS A HABITAR NA ZONA RESIDENCIAL DE ESPINHO EM FRENTE AO PARQUE ANGULO DAS RUAS 20 E 23

Andares, de óptima construção, com 5 e 6 assoalhadas, com todas as comodidades, alcatifados, aquecimento, cozinha tipo italiana, extractores de fumo, renovadores de ar, com 2 elevadores, etc.

Contactar: excepto aos sábados SALÃO LORD — TELEF. 920234 — ESPINHO

fabricantes

METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.



Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado. Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

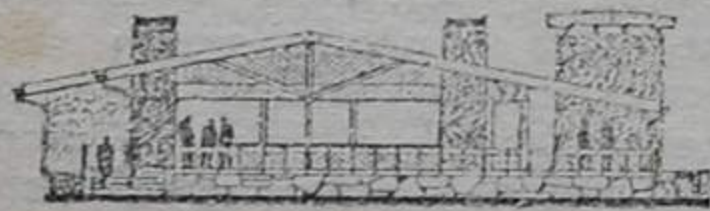
— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

hotelaria



Restaurante Snack — Discoteca

CABANA

TELEFS. 921322-921966

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes

SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA

4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana

5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA

6.ª Feira — Peixe à Portuguesa

SABADO — Papas de Sarrabulho c/ Rojões

DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL

Preços especiais de OUTUBRO a MAIO

— Aos Domingos — Matiné Dançantes —

SNACK BAR **S. PEDRO**

Aberto toda a noite com cozinha permanente

RESIDENCIAL **PORTO**

1.ª Classe

Telefones: 920294 - 920391 — Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

diversos

Confeitaria PONTO CHIC

Fabrico diário de toda a variedade de pastelaria — Rissóis variados, pastéis de carne, bola de Vila Real — Todos os Sábados BOLO REI — Especialidades Regionais —

Rua 19, N.º 172 Telefone, 922243 **ESPINHO**

FONSECA

MODAS — TECIDOS

JOÃO LOPES DA FONSECA & FILHOS, LDA.

RUA 19, N.º 275 — Telefone, 920412 — **ESPINHO**

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dínamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — **ESPINHO**

Residência — Telef. 964194

FOTO DIN

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — **ESPINHO**

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

CASA LUCIANA

Boutique

Rua 19, n.º 318 — **ESPINHO**

Representante em **ESPINHO** dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem, Calçado, Artigos de Fantasia — **NOVIDADES!**

Confeitaria Central

ESMERADO FABRICO DE PASTELARIA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

SALÃO DE CHÁ — MERCEARIA FINA E FRUTAS

JOSÉ TEIXEIRA LOURENÇO

Rua 8, N.º 691 (frente ao Teatro S. Pedro) — Telefone, 920605 **ESPINHO**

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira & Oliveira, Lda.

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

advogados

AMADEU J. MORAIS

ADVOGADO

Escritório: Rua 20, N.º 412
Telef.: 920273

Às segundas, quintas e sextas, a partir das 17 h.

**FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877—Telef. 922210
ESPINHO

médicos

REINALDO DE ALMEIDA

Especialista pela Ordem dos Médicos

Clínica Dentária

Rua 16, N.º 545 — **Espinho**

Marcações pelo Telef. 922931

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891 **ESPINHO**

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

papelarias

PAPELARIA ATLANTICO NORTE, LDA.

Av. 24 n.º 1013—Telef. 922776 **ESPINHO**

(em frente à «Feira»)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

tratamentos

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário: das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — **ESPINHO**

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

ESPINHO PRECISA DE TODOS

Já escrevemos algures que a maior parte dos cidadãos, muito embora supondo que não se alheia totalmente dos problemas que a todos comu-

Por VIRGÍLIO LACERDA

mente respeitam, deixa-se apossar dum despreendimento pelas coisas públicas de pasmar os mais precavidos. Já estamos habituados à indiferença com que o comum dos mortais encara que só uma dúzia de pessoas é que tem de solucionar a vida das nossas associações profissionais, culturais, políticas, etc., desdobrando-se em canseiras e trabalhos, quantas vezes até à exaustão. Com um simples e irresponsável «não posso ou não tenho tempo», esquivam-se, endossando às crónicas vitimas o peso de mil trabalhos, como se também estes, para além desses extras, que não procuram mas que sabem não devem recusar, não tenham uma vida particular pelo menos tão complicada e absorvente quanto eles. Claro que é muito mais cómodo e fácil alijar a carga com todos as consequências para cima dos outros e reservarem-se com ingénua expectativa à espera do primeiro tropeção para saltar em cima dos incautos e amarfanhá-los sem dó nem piedade, que compartilhar na responsabilidade de fazer, sujeitando-se às críticas honestas ou não, a que porventura dêem aso. Ser juiz, depois do facto e consequências consumadas, é muito fácil; realizar ou julgar,

quando os efeitos são imprevisíveis e se pode ser ultrapassado pelos acontecimentos, é que é difícil.

Vem isto a propósito de se dizer que quando os actuais quadros dirigentes espinhenses (da misericórdia, assistência, bombeiros, patronato, grupos desportivos, etc.) abandonarem os postos, vai ser uma verdadeira hecatombe, pois não se vê quem possa substituí-los. Com certeza que se todos os «postos chave» fossem abandonados ao mesmo tempo, seria de facto um desastre, na medida em que se tornava difícil colmatar tantas brechas. Temos de considerar, porém, que tal hipótese é praticamente inviável. Seria preciso que cada um dos gestores fosse parte de afinada orquestra, que maestro comum dirigisse a bel-prazer. Se antigamente isto já era difícil, hoje, então, com a divisão ideológica que atravessamos, é impossível e ainda bem.

No entanto o problema, pelo menos teoricamente, é procedente. Bom é pois que as autoridades distritais e municipais redobrem a atenção, encetem diligências, auscultem opiniões sondem personalidades enfim, estejam bem alerta e preparadas para ao mais pequeno indício de crise poderem acudir às circunstâncias.

Por outro lado, com um chamamento à consciência dos nossos conterrâneos, não podemos deixar de expressar mais uma vez que se todos ajudarem as colectividades da terra, SÓ UMA VEZ QUE SEJA, na medida das suas possibilidades, a batalha da sobrevivência estará ganha e o futuro será certamente muito mais risonho que o actual.

ÚLTIMA HORA

HOSPITAL, PARA ONDE VAIS?

Por AMADEU MORAIS

O artigo que escrevemos no último número relacionado com o Hospital de Espinho, defeituoso, embora, para alguns — e não somos nós que o consideramos isento de defeitos — teve a virtude de acordar a consciência de muitos e de criar nas massas mais afectadas um interesse e uma dinamização de que já descriamos.

Na passada terça-feira realizou-se, no Salão Paroquial de Silvalde, uma reunião promovida por particulares, na qual estiveram presentes, a título pessoal, como foi salientado, o Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara, um funcionário do Hospital, representantes de vários partidos e pessoas de todas as freguesias do concelho.

O serão foi demorado e francamente agradável, debatendo-se nele toda a situação criada ao Hospital. Ficou a saber-se que a Comissão de trabalhadores, acolitada por um representante da Câmara tem empreendido todos os esforços para ser recebida pela entidade responsável, a fim de tentar obter a reclassificação do nosso Hospital, que muitas têm sido as solicitações dos competentes departamentos da Saúde para que a

Comissão Instaladora seja nomeada e que os trabalhadores receiam se crie uma situação de impasse, com o corte de quaisquer subsídios ao Hospital e que tal situação pode conduzir à impossibilidade de, a partir de certa altura, receberem os seus próprios vencimentos.

Não faltou também quem, anonimamente, salientasse o facto de o povo ter sido sempre alertado e chamado a colaborar para erguer a obra do Hospital, que é de todos e por todos criada e que, perante assunto tão momentoso, se tenha actuado sem o ouvir, sem o esclarecer e sem o fazer ciente de todos os problemas existentes.

Foi unânime o reconhecimento de que Espinho não pode prescindir do seu Hospital, pelo menos com todos os serviços que actualmente mantém.

E unanimemente se deliberou solicitar à Comissão de Trabalhadores que suspendam a nomeação de qualquer Comissão Instaladora até lhe ser comunicado pela Comissão Administrativa da Câmara o resultado da audiência que vai ser solicitada em Lisboa pela mesma Comissão Administrativa da Câmara e constituída por representantes de todas as freguesias de Espinho. Essa Comissão diligenciará obter a reclassificação do Hospital de Espinho como Distrital, solução ansiosamente esperada há anos pelos espinhenses e imposta pela natureza e grandeza dos serviços que há muito vem prestando.

«Defesa de Espinho» esteve presente, congratulando-se pela unanimidade de pontos de vista que se registou.

Se há mais tempo o Povo tivesse tomado consciência dos seus interesses, não teríamos agora a situação que todos consideramos desagradável, nem haveria velhos do Restelo, a apertar as mãos na cabeça e a dizer que nada podemos fazer.

ESPINHO ANTIGO

TRIBUNA PÚBLICA

A Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro e Espinho

«Mais vale uma fraca transacção do que uma bela demanda», diz um adágio popular.

Como duma contenda travada entre a poderosa Companhia e o Município de Espinho advêm os prejuízos que esta bela estância vem sofrendo historicamente as causas de semelhante desconcerto.

Quando o mar destruiu a grande parte de prédios e templos que orlavam o oceano junto à praia, o mar ameaçava avançar até destruir a estação do Caminho de Ferro e submergir a via, a Companhia resolveu transferir a directriz da linha para o lado nascente de Espinho e construir a estação junto do sítio denominado Feira.

Esta obra livrava o material circulante dos estragos duma curva forçada e garantia a estação de perigos, em sítio enxuto.

O município cedeu terrenos com a condição da Companhia fazer a mudança da linha e estação para o lugar supra designado no prazo de um ano e recebeu como caução do contracto três contos de reis. Como o município possui ao sul de Espinho, paralelo à linha, o grande areal de alguns hectares de terreno no sítio denominado Mata, a Companhia disputava para si esse terreno e a Câmara, na defesa dos interesses locais, opôs-se — eis a causa de todas as más vontades da Companhia — que apesar de ter dispendido algumas centenas de contos em material, persiste em escarnecer da municipalidade e com desdouro para esta praia e grave prejuízo dos accionistas!

Como a Companhia não cumpriu o estipulado no contracto reduzido a escritura, a Câmara intentou acção de rescisão que nos tribunais corre o seu curso.

Enquanto a acção se arrasta lesmaticamente nos tribunais a Companhia compraz-se em descurar dos bens dos accionistas no concelho de Espinho como reivindicada a uma corporação que defende os interesses do povo que lhos confiou!

Poderio em luta com a justiça que não pode sufocar!

Pois bem! Cedam de caprichos e fumaças de vaidade que a ninguém acreditam. Entrem no terreno das transacções honestas, recue uma entidade e avance outra entidade e na honra dos interesses que fiscalizam e administram acabem com essa contenda porque a teimosia sistemática prejudica o progresso de Espinho, retardando-o, mas não menos prejudica a Companhia que já dispendeu mais de duas centenas de contos de reis.

Promovam os homens preponderantes desta bela estância uma transacção amigável sem desdouro para as duas partes litigantes e serão duas colectividades a sossegar e uma terceira entidade a gozar das delícias da harmonia.

(Do Jornal «O Oceano» de 3 de Fevereiro de 1918)

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE

Gabinete do Secretário de Estado

Despacho

1.— Nos termos do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 618/75, de 31 de Outubro, são aplicáveis aos hospitais concelhos pertencentes a pessoas colectivas de utilidade pública administrativa as disposições constantes dos artigos 1.º a 7.º do Decreto-Lei n.º 704/74, de 7 de Dezembro.

Por sua vez o artigo 1.º deste último diploma legal dispõe que os hospitais mantêm a autonomia administrativa e passam a ser administrados por comissões, nomeadas pelo Secretário de Estado da Saúde e perante ele responsáveis.

2.º— Convido estabelecer as directrizes necessárias à constituição das referidas comissões instaladoras e tendo em vista a necessidade de avançar na integração dos serviços de prestação de cuidados de 1.ª linha, determino:

a) As comissões instaladoras não deverão exceder o número de cinco componentes;

b) As comissões instaladoras, que serão incumbidas da gerência do hospital concelho do respectivo centro de saúde e do dispensário local do SLAT, terão a constituição a seguir discriminada, devendo os representantes indicados ser eleitos, em conjunto, pelos trabalhadores da respectiva categoria do hospital, do centro de saúde e do dispensário do SLAT:

O director do centro de saúde, que presidirá;

Um representante eleito do pessoal técnico abrangendo pessoal médico, de enfermagem, de laboratório (analistas e preparadores), de radiologia, fiscais e agentes sanitários, etc.

Um representante eleito do pessoal administrativo;

Um representante eleito do pessoal auxiliar, abrangendo o pessoal dos serviços industriais, de cozinha, de lavandaria, motoristas, telefonistas, contínuos, serventes, empregados gerais e diferenciados e outras categorias equiparadas;

Um indivíduo, estranho aos serviços de reconhecida dedicação aos interesses do concelho e, em especial, do hospital, a eleger por todos os trabalhadores, em conjunto, do hospital, do centro de saúde e do dispensário do SLAT;

Se nesta eleição não for possível encontrar um candidato que reúna a maioria simples dos votos, os trabalhadores poderão optar pela eleição de um outro representante de qualquer das categorias profissionais mencionadas anteriormente;

c) Nos restantes casos, e enquanto não for criado o centro de saúde, seguir-se-ão as directrizes indicadas na alínea anterior, com a participação nas eleições dos trabalhadores da sub-delegação de saúde.

A autoridade sanitária (delegado

ou subdelegado de saúde) presidirá à comissão instaladora;

d) Nos casos em que os condicionamentos locais, a apreciar caso a caso, não aconselhem a atribuição da presidência da comissão instaladora à autoridade sanitária, a Direcção-Geral de Saúde proporá a despesa do Secretário de Estado da Saúde a sua substituição por um elemento por ela indicado;

e) Os trabalhadores do serviço do SLAT participarão em todas as votações em igualdade de circunstâncias com os restantes trabalhadores;

f) O exercício de funções nas comissões instaladoras considera-se como fazendo parte das atribuições normais dos respectivos cargos dos trabalhadores eleitos;

g) As eleições mencionadas atrás serão feitas por escrutínio secreto, dentro do respectivo quórum (metade e mais um).

Secretaria de Estado da Saúde, 16 de Dezembro de 1975.— O Secretário de Estado da Saúde, Carlos Matos Chaves Macedo.

DESPORTO

«Placard» de Resultados

FUTEBOL

«Torneio de Veteranos»
S. C. E.—Beira Mar 3-1

«Taça Nacional de Iniciados»
Canidelo-S. C. E. 1-3
Depois desta última jornada, os jovens «tigres» com esta vitória retribuinte, ficaram apurados para a fase seguinte, sendo de esperar que ainda não seja no próximo jogo que sejam eliminados.

Classificação Final

	J	V	E	D	Golos	P
1.º S. C. Espinho	6	5	—	1	12-4	10
2.º Leixões	6	4	—	2	16-7	8

VOLEIBOL

«Nacional da 1.ª Divisão»
C. D. U. P.—S. C. E. 0-3

«Nacional da 3.ª Divisão»
A. A. E.—Esc. Milheirós 3-0

«Taça de Portugal» (1.ª elim.)
Carolina Michaelis-S. C. E. 0-3

«Nacional Feminino» (2.ª Div.)
A. Guimarães-S. C. E. 1-3

«Encerramento de Iniciados»
Esmoriz-S. C. E. 3-1

«Nacional Juvenil» (Norte)
Fr. Holanda-S. C. E. 0-3

HÓQUEI EM PATINS

«Nacional Norte — Séniores»
Fânzeres-A. A. E. 1-6
A. A. E.—Académico 7-7

«Regional de Júniores»
C. D. U. P.—A. A. E. 2-2

«Regional de Iniciados»
Oliveirense-A. A. E. F. C.—V.

«Regional de Infantis»
A. A. E. (A)—Rio Tinto 18-2
A. A. E. (B) folgou.

HÓQUEI EM CAMPO

«Regional de Seniores»
A. A. E.—Ramaldense 1-5

«Regional de Júniores»
Sport-A. A. E. 10-0

ANDEBOL

«Taça de Portugal» (1.ª eliminatória)
F. C. Porto-S. C. E. 32-9

P. M.

EDUCADORA DIPLOMADA

Necessita o

Patronato de Espinho

Telef. 920772

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028

ESPINHO

ARGIBETÃO SARL

Fábrica de Ovar — Pretende:

- 1 Electricista de Força Motriz
- 1 Mecânico Diesel
- 1 Serralheiro

Resposta ao Apartado 69
OVAR

BATER EM PEDRA DURA...

Em 23 de Abril último, neste Jornal, solicitamos à Comissão Administrativa da Câmara Municipal e à Comissão de Festas de Verão ou Comissão de Turismo nos fossem enviados elementos pormenorizados dos dinheiros recebidos nas Festas de Verão nos anos de 1974 e 1975 e das verbas gastas na realização desses fins.

Decorreram mais de 15 dias e

Por AMADEU MORAIS

ninguém se pronunciou: nem a Comissão Administrativa da Câmara, nem a Comissão de Turismo ou de Festas.

Consideramos este silêncio profundamente lamentável.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal sabe que encontrou sempre à sua disposição as colunas da Defesa para nelas publicar tudo quanto considerou dever dar a conhecer aos espinhenses e quis enviar-nos.

Sem favor, sabe ainda que o nosso comportamento a este respeito não muda e que futuramente continuará a contar com a «Defesa» para divulgar tudo quanto lhe aprouver. E o tratamento não é diferente para a Comissão de Turismo.

Mas tanto a Comissão Administrativa como a Comissão de Turismo não ignoram que a «Defesa de Espinho» não existe apenas para publicar o que entenderem dar a conhecer e que temos o pleníssimo direito e o dever de informar com fidelidade os nossos leitores quanto a todos os assuntos que julgarmos do interesse da nossa terra.

O 25 de Abril pôs termo ao sistema dos sacos azuis, aos gastos confidenciais e à administração fechada, do conhecimento exclusivo de quem a faz ou se lhe encontra ligado.

Querendo conhecer e dar a conhecer o que se recebeu para Festas de

Verão e se gastou com elas, «Defesa de Espinho» não ofende nem quer ofender ninguém.

Que saibamos, a discordância — se a houver — quanto aos critérios adoptados no dispêndio de dinheiros públicos ou do concelho, longe de constituir agressão, é um modo de colaborar: não conhecemos pessoas infalíveis e cremos que o homem público tem o dever de dar contas do que faz.

Terá sido a Comissão de Turismo quem arrecadou os dinheiros e os gastou. Mas não cremos que por sua vez não tenha prestado contas à Comissão Administrativa da Câmara. Por isso continuamos sem compreender o silêncio que se fechou sobre o nosso pedido por parte de ambas as entidades.

Com estes comentários, que bem poderiam ter sido evitados, replicamos ao silêncio, manifestando a nossa surpresa e a nossa mágoa.

Mas queremos deixar esclarecido que bateremos em pedra dura até vermos a questão esclarecida e que, portanto, não desistiremos dela.

Aguardamos pacientemente a resposta, e voltaremos.

De mecenas estamos fartos... o que necessitamos é de obreiros

Liberdade de Imprensa! Liberdade de falar! Liberdade de dizer o que cada um de nós sente! Liberdade... Liberdade... Liberdade... Palavra tão bela, tão grande que encerra um instrumento humano extensíssimo, mas que, infelizmente, tem constituído para muitos autênticas guilhotinas.

Há quem tenha receio de quem escreve. E quem escreve fá-lo, a grande maioria das vezes, por imperativo, por dever de consciência, porque, afinal, não se pode calar perante injustiças e atropelos a que assiste.

Porém, ter-se-á que pressupor, que tanto eu como outros que escrevem o que na realidade desejam é saber coisas para informar o público e não estamos interessados em denegrir ou atacar ou mesmo atingir seja quem for... excepto, claro está, quando alguém tendo como obrigação pugnar pelo bem estar da comunidade não o faz por negligência, preguiça ou má vontade.

Quero deixar bem claro que quando escrevo sobre Espinho ou sobre outro assunto qualquer, procuro sempre fazê-lo com o intuito de engrandecer a cidade ou, então, chamar a atenção para qualquer assunto que considero de interesse geral mas que, porventura, poderá eventualmente passar despercebido há maioria da população.

Em foco tem estado ultimamente o bairro dos pescadores. Realmente trata-se de uma parcela de Espinho que merece particular atenção das

OBJECTIVO ④

Pela terceira vez vamos falar duns lotes de ferro próprios para a construção civil que estão armazenados na Rua 32, a norte da Rua 19. Dizemos armazenados porque tínhamos referido nas outras notícias abandonados. Agora soubemos que são pertença da CASA DAS ALDEIAS com estabelecimento na Rua 18, de quem é proprietário o sr. António Teixeira de Almeida. Portanto já podemos perguntar ao sr. Almeida se acha bem fazer da via pública armazém de ferros? E que diria ele se lhe armazenassem ferros iguais, e em quantidades iguais, no passeio da sua residência? Ou ainda se todos os comerciantes de Espinho resolvessem fazer da via pública armazém das suas mercadorias? E não querirá o sr. Almeida mudar o referido armazém para o passeio da Rua 23 que dá acesso à P. S. P.? Ou na rotunda frente à Câmara Municipal?

autoridades responsáveis. Porém, nem sempre isso acontece e é necessário o jornal lançar qualquer grito para que quem administra a cidade oiça. Cada um de nós tem um ou mais hábitos. E o que se tem visto são alguns responsáveis pela C.M. andarem sempre pelos mesmos locais calcor-

Por ALBERTO ABREU

reando permanentemente as mesmas ruas sem conseguirem, afinal, vislumbrar as reais necessidades de outros locais.

Torna-se, pois, imperioso, que se comece a olhar para Espinho, como Espinho merece ser olhada. Embora sem esquecer as necessidades da baixa e de lhe proporcionar as benfeitorias que todos gostamos de ver revelar-se imperioso que se dê atenção a zonas quase esquecidas mas que fazem parte integrante de Espinho.

Dentro da cidade bairros há e zonas proliferam que poucas condições de salubridade possuem mas que até ao momento poucas atenções têm recebido de quem tem obrigações para as prestar.

Uma vez que todos buscamos uma sociedade onde não existam nem explorados nem exploradores é urgente que se preste atenção a quem, neste momento, mais necessita.

De mecenas estamos fartos... o que necessitamos é de obreiros.

Constituição da República Portuguesa

(Continuação do número anterior)

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

ARTIGO 1.º

(República Portuguesa)

Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes.

ARTIGO 2.º

(Estado democrático e transição para o socialismo)

A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.

ARTIGO 3.º

(Soberania e legalidade)

1. A soberania, una e indivisível, reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição.

2. O Movimento das Forças Armadas, como garante das conquistas democráticas e do processo revolucionário, participa, em aliança com o povo, no exercício da soberania, nos termos da Constituição.

3. Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional e da democracia política.

4. O Estado está submetido à Constituição e funda-se na legalidade democrática.

ARTIGO 4.º

(Cidadania portuguesa)

São cidadãos portugueses todos aqueles que como tal sejam considerados pela lei ou por convenção internacional.

ARTIGO 5.º

(Território)

1. Portugal abrange o território historicamente definido no continente europeu e os arquipélagos dos Açores e da Madeira.

2. O Estado não aliena qualquer parte do território português ou dos direitos de soberania que sobre ele exerce, sem prejuízo de rectificação de fronteiras.

3. A lei define a extensão e o limite das águas territoriais e os direitos de Portugal aos fundos marinhos contíguos.

4. O território de Macau, sob administração portuguesa, rege-se por estatuto adequado à sua situação especial.

ARTIGO 6.º

(Estado unitário)

1. O Estado é unitário e respeita na sua organização os princípios da autonomia das autarquias locais e da descentralização democrática da administração pública.

2. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira constituem regiões autónomas dotadas de estatutos político-administrativos próprios.

ARTIGO 7.º

(Relações internacionais)

1. Portugal rege-se nas relações internacionais pelos princípios da in-

dependência nacional, do direito dos povos à autodeterminação e à independência, da igualdade entre os Estados, da solução pacífica dos conflitos internacionais, da não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados e da cooperação com todos os outros povos para a emancipação e o progresso da Humanidade.

2. Portugal preconiza a abolição de todas as formas de imperialismo, colonialismo e agressão, o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos.

3. Portugal reconhece o direito dos povos à insurreição contra todas as formas de opressão, nomeadamente contra o colonialismo e o imperialismo, e manterá laços especiais de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa.

ARTIGO 8.º

(Direito internacional)

1. As normas e os princípios de direito internacional geral ou comum fazem parte integrante do direito português.

2. As normas constantes de convenções internacionais regularmente ratificadas ou aprovadas vigoram na ordem interna após a sua publicação oficial e enquanto vincularem internacionalmente o Estado Português.

ARTIGO 9.º

(Tarefas fundamentais do Estado)

São tarefas fundamentais do Estado:

a) Garantir a independência nacional e criar as condições políticas, económicas, sociais e culturais que a promovam,

b) Assegurar a participação organizada do povo na resolução dos problemas nacionais, defender a democracia política e fazer respeitar a legalidade democrática;

c) Socializar os meios de produção e a riqueza, através de formas adequadas às características do presente período histórico, criar as condições que permitam promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo, especialmente das classes trabalhadoras, e abolir a exploração e a opressão do homem pelo homem.

ARTIGO 10.º

(Processo revolucionário)

1. Aliança entre o Movimento das Forças Armadas e os partidos e organizações democráticas assegura o desenvolvimento pacífico do processo revolucionário.

2. O desenvolvimento do processo revolucionário impõe, no plano económico, a apropriação colectiva dos principais meios de produção.

ARTIGO 11.º

(Símbolos nacionais)

1. A Bandeira Nacional é adoptada pela República instaurada pela Revolução de 5 de Outubro de 1910.

2. O Hino Nacional é A Portuguesa.

(Continua no próximo número)

OBJECTIVO ③

É costume durante as marés vivas de inverno o mar atirar com pedras e areia para as Ruas 6 e 9 junto à piscina. Este ano não foi excepção e há quase meio ano que aquelas Ruas, naqueles locais, estão intransitáveis. E o que é mais lamentável sem que existam sinais de trânsito a prevenir os ignorantes. O resultado é andarem, de vez em quando, automóveis atolados e os condutores a pedirem ajuda para se safarem. Solicita-se a melhor atenção de quem de direito.

QUERERÁS LER-ME, JOVEM?

Era como tu, jovem! Gostava de correr, de brincar, e também sonhava. Sonhava com coisas belas e grandiosas, algumas das quais se tornaram em realidade e outras não passaram de sonho, de pura quimera.

Na vida, é assim. Existe a realidade, que é o concreto, o absoluto, e existe o sonho, que é o abstracto, que é a fantasia.

Corri por caminhos que outros achavam perigosos e difíceis, e subi montanhas e transpuz obstáculos.

Não havia cansaço que me venesse e sabia sorrir a tantos dos contratempos que sempre batem a cada «porta».

Tive amigos, com quem convivia e falava de tudo — o importante ou o sem importância alguma.

Quando se é jovem, as nuvens cinzentas não existem, e somos, por isso, mais alegres, mais confiantes e optimistas. E eu fui alegre, confiante e esperei o melhor.

Caminhei, caminhei sempre por es-

trada que ainda hoje percorro e, se o cansaço por vezes me tortura um pouco, ainda confio e tento a escalada. Não consigo parar.

Admiro, ainda, o chilreio dos passarinhos e sinto-me feliz quando os

Por LALA

posso contemplar sobrevoando em bando pelo meio dos campos ou saltitando de árvore em árvore; admiro o mar, com as suas ondas gigantes a estenderem-se praia fora, mostrando a todos a sua força e grandeza; e gosto das flores, sejam vermelhas ou amarelas, brancas ou lilases.

O belo, o cândido, tonifica-me a alma e transporta-me ao infinito. Como é maravilhosa a candura dum flor cortada por mãos leves, macias e ternas!

Uma flor! Foi isso que pensei que tu eras, jovem. Uma flor que, para

alegrar, para dar felicidade, tem de ser bela e pura, com bom aroma e fresca.

Não podes deixar que roubem ou maltratem a frescura da tua encantadora juventude; não podes deixar emurchecer nenhuma das tuas «pétalas».

O teu rosto tem de reflectir sempre a pureza de alma que é ativa, sem ser má, que é orgulhosa, sem ser vaidosa.

Tens de saber impor-te aos que tentam, por todos os meios, ludibriar a tua boa fé para te arrastar à ignomínia, ao pecaminoso; tens de saber fugir das «tenazes» que querem esmagar-te, conspirar o que de mais belo possuis — a beleza dos teus olhos que irradiam o belo, o puro.

Jamais envelhecerás, ainda que chegues aos cem anos, se fores capaz de seres tu, de bem saberes viver a tua idade primaveril.

E jamais deixarás de sentir, também, que foste uma mulher, que és uma verdadeira mulher!

Comissão do Turismo
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO